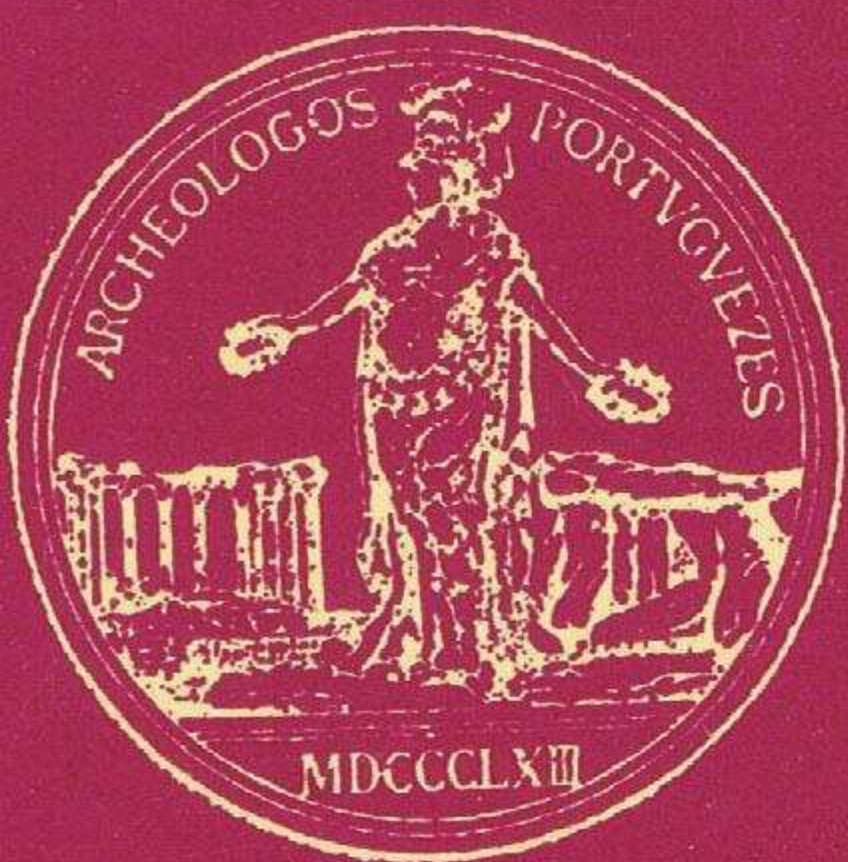


ACTAS DAS IV JORNADAS ARQUEOLÓGICAS

Investigação e defesa
do património

(17, 18, 19 Maio 1990)



LISBOA
1 9 9 1

Associação dos Arqueólogos Portugueses

TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS DA CONQUISTA CRISTÃ DA ALCÁÇOVA DE SILVES

Rosa Varela Gomes
Armando Santinho Cunha

1. Introdução

Contam-nos os textos que a conquista definitiva de Silves, sob o comando de D. Paio Peres Correia no século XIII, foi possível graças a um estratagema deste famoso Mestre da Ordem de Santiago, dado as tropas almoadas, dirigidas por Ibn-al-Mahfut, terem sido atraídas à fortificação de Estombar enquanto os cristãos se apoderavam da cidade. Travou-se, mesmo assim, renhida luta pois "...majs Christãos moreram aly, que em nenhum outro lugar, que se no Algarue tomasse". O Castelo foi, por fim, o último refúgio dos muçulmanos que "...trabalhauom-se do defenderem quanto podiom" (Leão, 1975, 177, 178; Tarouca, 1952, 269, 270).

Escavações arqueológicas naquele arqueosítio permitiram-nos identificar importante sucessão estratigráfica, do período islâmico, compreendida entre o século VIII e o século XIII, que incluía estruturas e pavimentos, sobrepostos ou reaproveitados (Gomes 1988). A área mais explorada corresponde à sua última ocupação e, ali, detectámos testemunhos significativos da violenta luta que culminou com a tomada definitiva daquela alcáçova pelos cristãos.

2. A habitação almoada

No nível acima referido (C2), exumámos parte de uma habitação, construída a cerca de 12m do forte pano de muralha que, a nascente, delimita a fortificação. Aquela, mostra, por enquanto, uma grande sala de entrada (com pequeno anexo) que permitia o acesso, por um lado, a uma cozinha, com estrutura sobrelevada ao centro, e à zona privada da residência. Esta teria um pátio central, para onde se abriam os quartos, e a um dos cantos encontravam-se as instalações sanitárias, em forma de L, servidas por latrina e bidé.

Os pavimentos da casa mencionada foram construídos com grandes lajes, de arenito vermelho, ou em sua substituição, terra batida com areia e cal. Sob as divisões descobrimos importante sistema de canalizações. Durante a escavação desta área, verificámos que sobre os pavimentos existia um nível de derrubes contendo materiais muito queimados, medindo, em algumas zonas, cerca de 0.30m de espessura, envolvendo numeroso espólio selado por telhas, dado o abatimento das coberturas. A zona compreendida entre a habitação e o pano de muralha tinha, apenas, um solo de terra batida. Este espaço integrava o sistema defensivo permitindo a fácil circulação das tropas no interior da alcáçova. Foi introduzido na Península, pelos almoadas, inserido em novas estratégias defensivas, como as portas em cotovelo, torres albarrãs com mata-cães, barbacãs e couraças, aspectos também patentes no Castelo de Silves.

3. O Espólio

Os materiais recolhidos distribuíam-se, de modo desigual, na zona escavada. Assim, no interior da casa predominavam as cerâmicas e os objectos de uso doméstico e, apenas, alguns, poucos, fragmentos de armas. Estas encontravam-se, especialmente, no exterior. As cerâmicas exumadas no espaço habitacional referido, constituem os materiais que possuímos em maior quantidade e variedade, localizando-se pelos diferentes compartimentos consoante a sua utilização.

Numa maior concentração de cerâmicas, na sala de entrada, faziam-se notar os fragmentos de, pelo menos, duas talhas, esmaltadas e estampilhadas, de dois queimadores de essências e perfumes sólidos, e de bonitas taças esmaltadas, lisas ou com decorações impressas e incisadas. No compartimento anexo, a cozinha, eram abundantes as cerâmicas comuns, tanto as peças

fabricadas com pastas claras, como as de pastas vermelhas e castanhas, que estavam, também, espalhadas um pouco por toda a parte (Gomes, 1988).

Sobre o pavimento do átrio de entrada exumámos um esqueleto humano, jazendo insepulto, com parte de um virote de besta entre as costelas da região lombar esquerda, sob o nível de derrubes e de terras queimadas já referido.

Os fragmentos de armas recolhidos constam de pontas de flecha, pontas incendiárias, e virotes de besta, em ferro, balas de pedra, assim como de pequenas argolas, em bronze, pertencentes a cotas de malha. Este espólio integrava o nível almoada, atribuído ao século XIII, sendo resultado da luta processada durante a conquista e, por este facto, tanto poderá ter sido utilizado por cristãos como por muçulmanos.

Duas pontas de flechas pedunculadas (fig. 3-1, 2, Q47/C2) com extremidade distal de secção quadrangular e comprimento semelhante ao do pedúnculo, encontram paralelos em três exemplares do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, recolhidos no campo da batalha de Navas de Tolosa (1212) (Campo, 1985, 323, fig. II 1-3).

Uma possível ponta de virote de besta (fig. 3-3, Q9/C2) mostra extremidade espessa e curta, com secção triangular, e alvado de secção circular. Armas deste tipo foram divulgadas entre cristãos e muçulmanos até, pelo menos, aos inícios do século XIV, dado que com esta cronologia existem, também, exemplares em Rougiers (D'Archimbaud, 1980, 446, fig. 426-21).

As pontas de flecha apresentam a extremidade distal maciça, com secção circular (fig. 3-4, Q24/C2) ou quadrangular (fig. 3-6, Q1/C2; 11-Q1/C2) encontrando similitudes em exemplares provenientes tanto de Navas de Tolosa como de Rougiers e atribuídos (Campo, 1985, 324, fig. III. 1; D'Archimbaud, 1980, 446, fig. 426, 7-11) a projecteis de arcos para caça, hipótese que, no caso presente, não podemos considerar. As dimensões de uma das peças de Silves (11) permite, mesmo, a probabilidade de ter sido utilizada como flecha incendiária; tal como referem vários autores muçulmanos do século XIII, que assinalam a utilização destas armas nos cercos e ataques a fortificações (Sepúlveda, 1901, 89). O exemplar que temos vindo a referir encontra-se flectido, por certo devido ao impacto contra superfície dura; possivelmente a parede da habitação, almoada, junto da qual foi exumado. É provável, ainda, que o incêndio cujas consequências registámos tenha sido provocado por estas flechas.

A forma da ponta de flecha ou de besta que apresenta a extremidade distal com secção quadrangular e o alvado circular é a mais comum em Silves (fig. 3-5, 8, 10; Q42/C2; Q62/C2; Q42/C2). Encontram-se, de igual modo, paralelos para estas peças em níveis do século XIII de Rougiers (D'Archimbaud, 1980, 446, fig. 426, 12-20).

Um último grupo de pontas metálicas é constituído por três exemplares (fig. 3-7, 9, 12; Q8/C2; Q24/C2; Q11/C2) que oferecem extremidade distal com secção losangular tendo, dois deles (7, 9) base circular. Um destes foi recolhido entre as costelas da região lombar esquerda do esqueleto, insepulto, que exumámos. O único paralelo que reconhecemos, para a forma agora mencionada, provém do Castelo de Jubera (La Rioja), sendo atribuído ao século XIII ou aos inícios do século XIV (Ibáñez, Sandrino, Quevedo e Alvarez 1987, 410, fig. 1-6) e considerado como próprio a ser utilizado por besta, dado mostrar secção losangular.

Os exemplares de pontas de flechas e de virotes de besta de Silves são os únicos conhecidos, em Portugal, num claro contexto arqueológico. Mesmo no resto da Península, são raros os estudos destas armas, baseando-se, normalmente, nas suas representações em iluminuras e marfins (Nicolle, 1976, 63, 150, fig. 70, est. II).

As balas e os seus fragmentos, de forma esférica, com diferentes dimensões e, em geral, talhadas em calcário, lançadas com fundas ou mais complexos engenhos de arremesso, constituem outros significativos testemunhos da violência que provocou a queda de Silves.

4. O cadáver insepulto

O esqueleto do indivíduo já mencionado, descoberto no átrio da casa almoada e junto a uma das suas paredes externas, encontrava-se estendido, com a cabeça voltada para uma porta de entrada, em *decubitus ventral*, a face colocada sobre o solo, o braço direito um pouco acima da cabeça e o esquerdo, dobrado, com a respectiva mão fechada sob o peito. As pernas estavam juntas e estendidas. Uma ponta de ferro, presumivelmente pertencente a um virote de besta, foi recolhida entre as costelas da região lombar esquerda. A mão fechada, sob o peito, sem nada no seu interior, é explicável devido a um gesto de dor motivado pelo impacto do projectil que o

atingiu, entre a quarta e quinta costelas daquele mesmo lado. A posição da ponta metálica, assim como a disposição da mão, pressupõe que a arma tenha sido disparada de local elevado, desenhando trajectória de cima para baixo, e, provavelmente, provinda do adarve. É possível que o indivíduo em questão, não tenha tido morte imediata, podendo ter andado alguns metros de modo a entrar no interior da habitação onde, posteriormente, caiu. Deste modo, julgamos que existirá uma outra porta de entrada na casa, situada no lado sul ou um pátio interior, dada a posição do esqueleto e a cobertura existente naquela sala.

A, provável, localização do agressor sobre um dos adarves justificava-se na medida em que aquele seria o único percurso capaz de oferecer maior segurança aos invasores cristãos, no interior da alcáçova, pois penetrar na área habitada acarretaria maior perigo.

Durante estes acontecimentos, os últimos ocupantes desta vivenda da alcáçova esconderam no interior das suas canalizações, entre outros objectos, uma pulseira de bronze, um anel de prata e recipientes de vidro, um deles recolhido inteiro.

As principais conclusões oferecidas pelo estudo antropológico, do esqueleto mencionado, são as seguintes:

Avaliação da idade

Não há osteofitoses em qualquer dos ossos observados, incluindo as vértebras, o que evidencia juventude. As superfícies superiores e inferiores dos corpos vertebrais estão fusionadas com os pratos epifisais das vértebras, o que ocorre pelos 25 anos. Não se observou sinostização, mesmo inicial, endo exocranianas correspondentes às suturas coronal, sagital e lambdoideia, o que indicia adulto de idade inferior a 26 anos. Encontram-se soldadas as epífises da extremidade proximal da clavícula e a crista ilíaca, o que acontece a partir dos 21 anos. Não há extensão dos seios esfenoidais ao occipital, o que deveria ocorrer aos 24 anos (no sexo masculino). Por fim, comparou-se a síntese púbica com os padrões de idade das tabelas de Lovejoy para a população, eurocaucasiana, americana actual.

Não se detectou dentina translúcida nos apêxes dos dentes e os sisos têm sinal de usura. Utilizando o conjunto destes dados, chegamos a valores de idade entre os 24 e os 26 anos.

Avaliação da estatura

Os ossos sem qualquer mutilação são o úmero direito e o cúbito esquerdo, este após reconstrução. De acordo com o máximo comprimento e utilizando as tabelas de Manouvrier (para o sexo masculino) o indivíduo teria uma estatura de 169cm.

Utilizando a técnica de Gupta e Seghal, de modo a determinar a estatura a partir de fragmento de ossos longos (utilizaram-se os 2 rádios), a amostra ofereceu uma estatura de 170cm, valor aproximado ao anterior. Conclui-se estarmos em presença de espólio pertencente a indivíduo de estatura elevada para a época em que viveu.

Avaliação do sexo

As medidas antropométricas dos ossos estão de acordo com indivíduo robusto, do sexo masculino, após comparação com tabelas existentes do Homem actual. Verificou-se, nos fragmentos ósseos, que as apófises mastoideias são rugosas, a mandíbula quadrangular, apresentando os ossos coxais e o sacro, padrão masculino.

Avaliação da raça

Não foi possível determinar, em virtude da fragmentação dos ossos da cabeça, os valores craniométricos e faciais com o mínimo de rigor. Julgamos, com alguma probabilidade, que se está perante um dolicocefalo e leptoprosopo. O tipo de palato é mesoestafilino, parecendo estreita a abertura piriforme. As suturas transversopalatinas são quebradas e a face inferior sugere ortognatismo. Não há dentes em pá.

Não valorizámos diferenças raciais nos ossos exteriores à cabeça, dado a nossa experiência levar-nos a verificar que aquelas são pouco pronunciadas.

Os dados apresentados são a favor de eurocaucasiano, provavelmente não mediterrânico, e com exclusão das raças negroides e mongoloides. As medidas direitas dos ossos da mão, sendo ligeiramente mais elevadas que as do lado esquerdo, são a favor de indivíduo dextro.

Morbilidade

Ossos

Observou-se sobreposição da quarta e quinta costelas esquerdas, mutiladas e com fracturas não consolidadas, antigas e conglomeradas por terra. A lesão deve ter ocorrido na altura da morte ou um pouco antes desta.

Detectou-se perda de substância óssea ovalada, de 5mmx3mm, da tábua externa do parietal esquerdo e sem remodelação. Não há perfuração da calote e não existem alterações da cor, na espessura do diploe ou na tábua interna. Esta lesão deve ter ocorrido em fase transvital ou após a morte.

Dentes

Registaram-se abrasões de maior ou menor intensidade em todos os dentes, incluindo os sétimos, com excepção do 25 e do 18, que não têm sinais de usura. A conservação do 18 pode explicar-se por erupção tardia e quanto ao 25 é mais provável uma maloclusão, por falta de antagonistas. Notou-se ausência de 16 e 26, com remodelação óssea, o que significa o conhecimento de técnicas extractivas dentárias. A mesialização do 43 é a favor da ausência em vida, e pelo menos durante vários meses, do 41, o que não se pode confirmar pela mutilação do maxilar inferior. Verificou-se cárie do cimento do 21. Na população actual, deste grupo etário, esta cárie é rara e só ocorre em situações de esfoliação dentária por falta de antagonista na oclusão.

Causas da morte

Nenhum dos dados encontrados de morbilidade osteodentária, são causa habitual de morte.

A existência de um virote na região lombar esquerda, após penetração pela região precordial, pode ter interceptado as cavidades torácica e abdominal, atravessando o diafragma. No caso de existência de ferida diafragmática, expunham-se à contaminação recíproca as cavidades serosas, pleural e peritoneal.

Havendo fractura, sem remodelação, das quartas e quintas costelas esquerdas, por um projectil dirigido da esquerda para a direita, de cima para baixo, e de diante para trás, estaríamos na situação possível das considerações anteriores. A ferida não foi transfixiante, isto é, só teve orifício de entrada, de localização torácica e o instrumento perfurante, contundente, foi alojar-se na região lombar, o que pressupõe projectil de moderada força cinética.

As feridas podem ser de 3 tipos: homolaterais (cavidades torácica e abdominal do mesmo lado); cruzadas (penetrando na serosa de um lado e terminando na do lado oposto); bilaterais (abrangendo as três serosas). O caso observado deve pertencer à primeira hipótese. As feridas toracoabdominais podem, ainda, ser de trajecto torácico longo ou curto, ocorrendo, na primeira situação e em geral, lesões graves da pleura e do pulmão. No segundo tipo é atingido apenas uma costela, a pleura e uma lingueta pulmonar. As lesões das feridas toracoabdominais esquerdas são, muitas vezes, multiviscerais, lesando, com grande frequência, o baço, o estômago, a parte esquerda do colon transversal, o ângulo jejuno-duodenal, o rim esquerdo e a cauda do pâncreas, além dos grossos vasos abdominais. A trajectória em questão, pode ter atingido qualquer deles (aorta, veia cava inferior, mesentéricas, renais ou outras) com, seguramente, hemoperitoneu (catástrofe abdominal) e concomitante hemotórax. A morte pode ter ocorrido logo ou alguns momentos depois.

Relação posicional da vítima e do seu agressor

A posição, não ritualizada, do cadáver em *decubitus* ventral, com a face colocada sobre o solo, o antebraço direito um pouco acima da cabeça, e em semi-flexão sobre o braço, e o braço esquerdo dobrado com a mão respectiva fechada sob o peito, está de acordo com morte pouco tempo depois da agressão e próximo do local desta.

A morte ocorreu por anemia aguda e choque, sendo o virote o instrumento que a provocou.

A rigidez cadavérica explica a mão esquerda fechada, atendendo a que é mais intensa a rigidez dos flexores da mão do que dos extensores. Aliás, a localização da mão sob o peito reforça a hipótese da entrada do virote pelo tórax, sendo as fracturas oblíquas de cima para baixo e de trás para diante, na quarta e quinta costelas esquerdas, com sobreposição parcial destas. As observações feitas indicam que o agressor se encontrava de frente para a vítima, em posição superior, sendo o projectil arremessado de cima para baixo, e de diante para trás.

Bibliografía

- D'ARCHIMBAUD, G.D., 1980, *Les fouilles de Rougiers*, Ed. C.N.R.S., Paris, 724 pp., 519 figs.
- CAMPO, A.S. DEL, 1985, Aportación al Estudio del Armamento Medieval: un Lote de Piezas Fechadas entre los Siglos X—XIII, *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*, Ed. Diputación General de Aragón, Zaragoza, pp. 313-329, VI figs.
- GILBERT, B.M., e MEKERN, T.W., 1973, A Method for Aging the Male Os Pubis *AM. J. Phys Antrop* , 38, pp. 31-33
- GOMES, R.V., 1988, Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, *Xelb*, vol. 1, 294 pp.
- GUNNAR, J., 1971, Age Determinations from Human Teeth, *Odontologisk Revy*, vol. 22, sup. 21, pp. 6-119
- KEEN, J.A., 1965, A Study of the Differences Between Male and Female Skulls *AM. J. Phys Antrop* , 8, pp. 65-79
- IBÁÑEZ, C.F., SANDINO, J.F., QUEVEDO, M.L.S. e ALVAREZ, M.J.M., 1987, Informe Preliminar Acerca de los Grabados Bajomedievales del Castillo de Jubera (La Rioja) y su Entorno Histórico-Arqueológico, *Arqueología Medieval Española*, Tomo III, Ed. Comunidad de Madrid, Madrid, pp. 405-413
- LEÃO, D.N., 1975, *Crónicas dos Reis de Portugal*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1010 pp.
- NICOLE, D., 1976, Early Medieval Islamic Arms and Armour, Ed. Instituto de Estudios sobre Armas Antiguas, Cáceres, 176 pp., 151 figs., V ests.
- SVENSSON, A., e WENDEL, O., 1987, *Techniques of Crime Scene Investigation*, Ed. Harvey Miller, Londres, 40 pp., 20 figs.
- SEPULVEDA, C.A. DE M., 1901, *Organização Militar dos Árabes na Península*, Ed. Imprensa Nacional, Lisboa, 137 pp., 44 figs.
- TAROUCA, C. DA S., 1952, *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, vol. I, Ed. Academia Portuguesa da História, Lisboa, 291 pp., 4 ests.

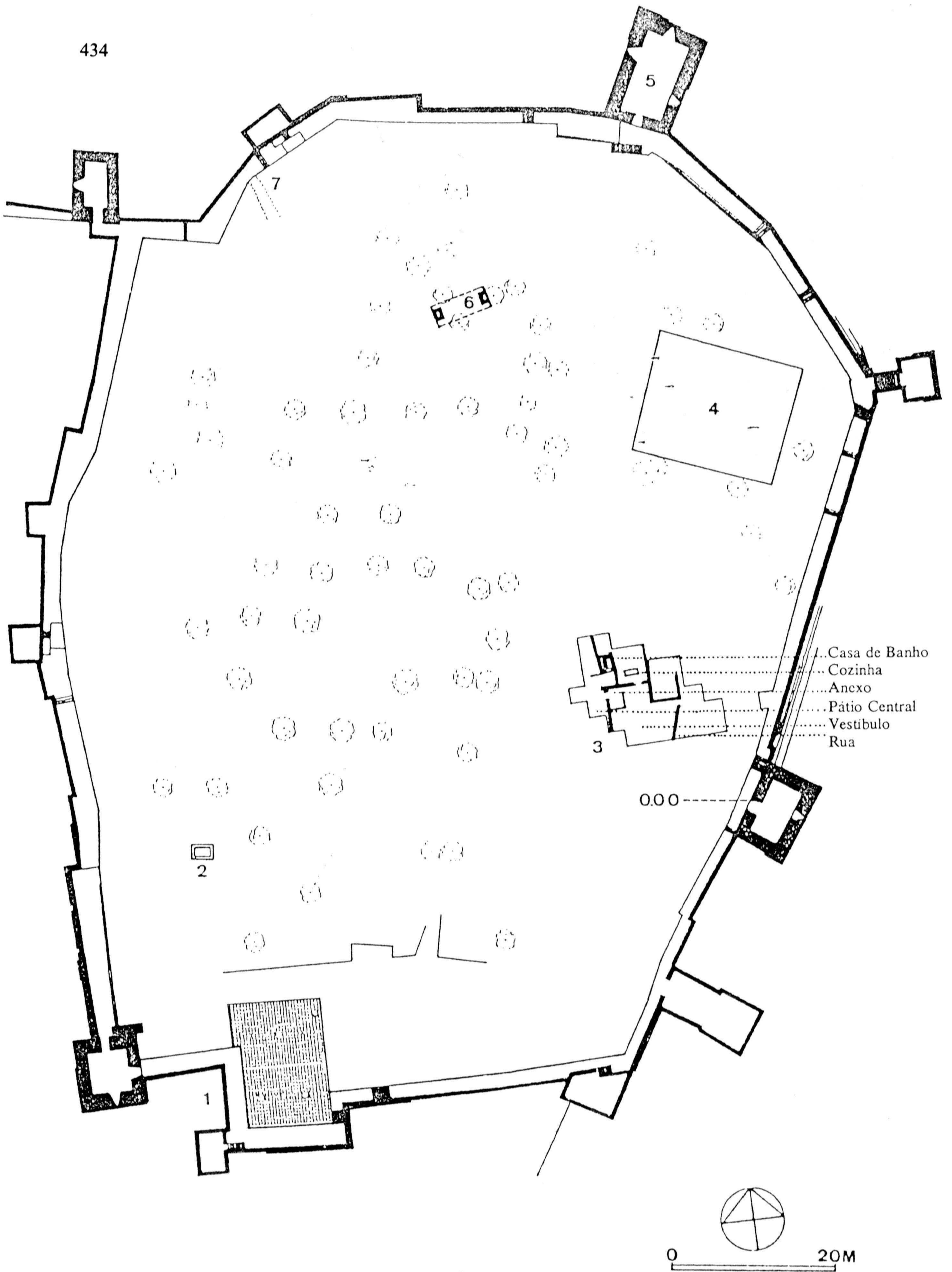


Fig. 1 - Integração da habitação, almoadada, no interior da alcáçova de Silves. 1-Porta Principal; 2-"Cisterna dos Cães"; 3 - Área Escavada; 4-Aljibe; 5-Torre Celouquia; 6-Silos; 7-Porta da Traição.

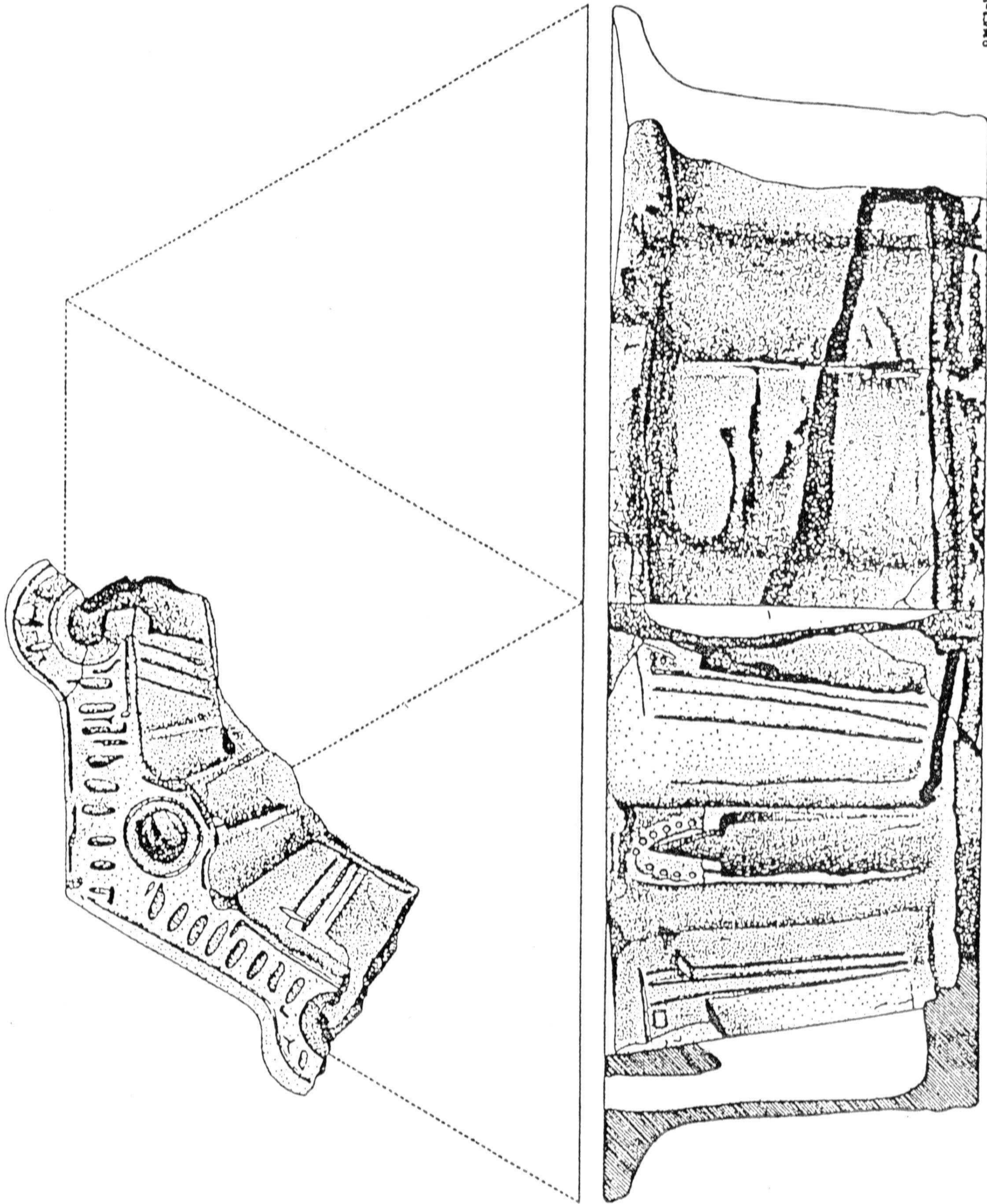


Fig. 2 - Fragmento de queimador de essências recolhido no átrio de entrada da casa almoada.

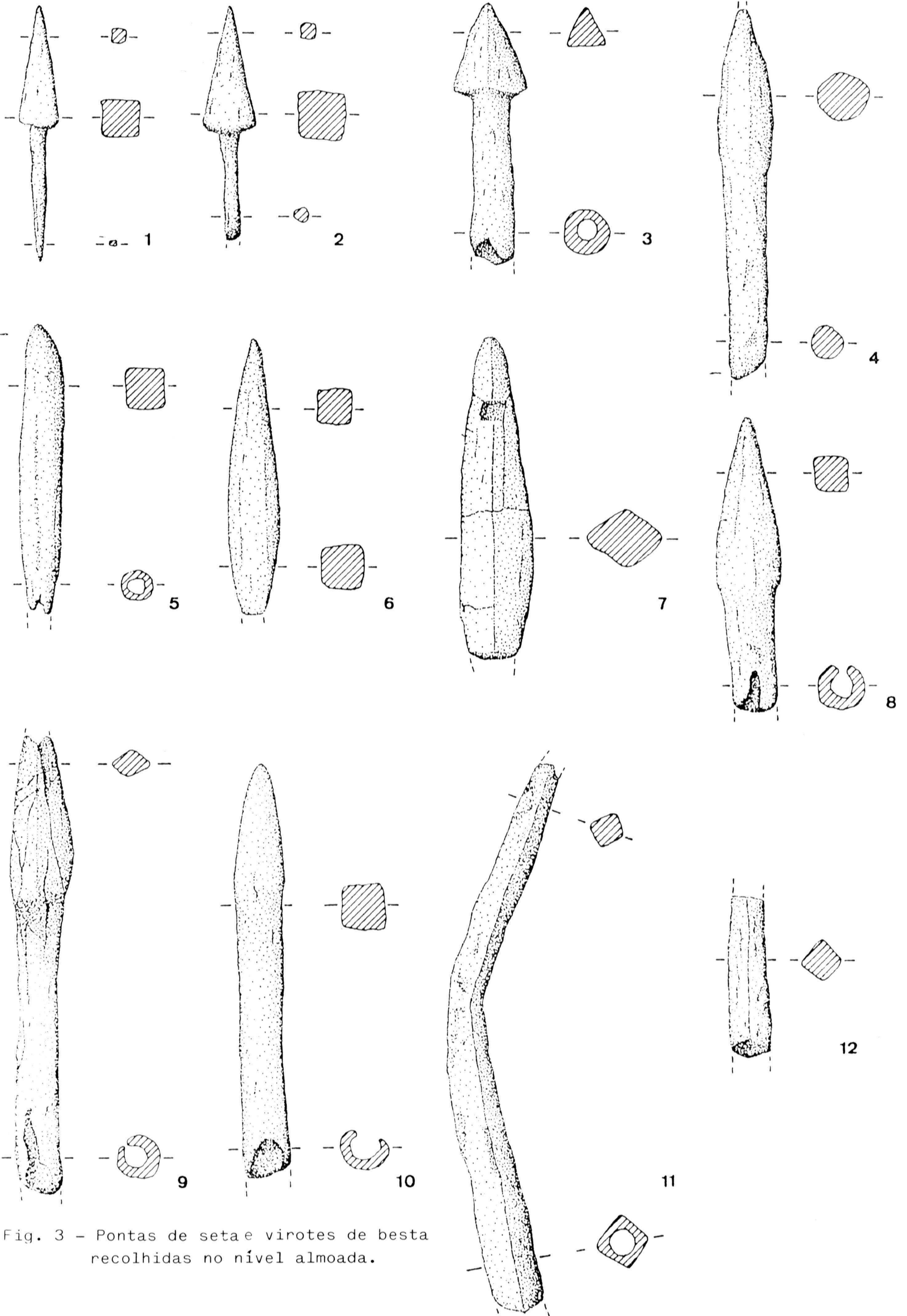


Fig. 3 - Pontas de seta e virotos de besta recolhidas no nível almoada.



Fig. 4 - Esqueleto humano, insepulto, com a indicação do local onde encontrámos o virote de besta.

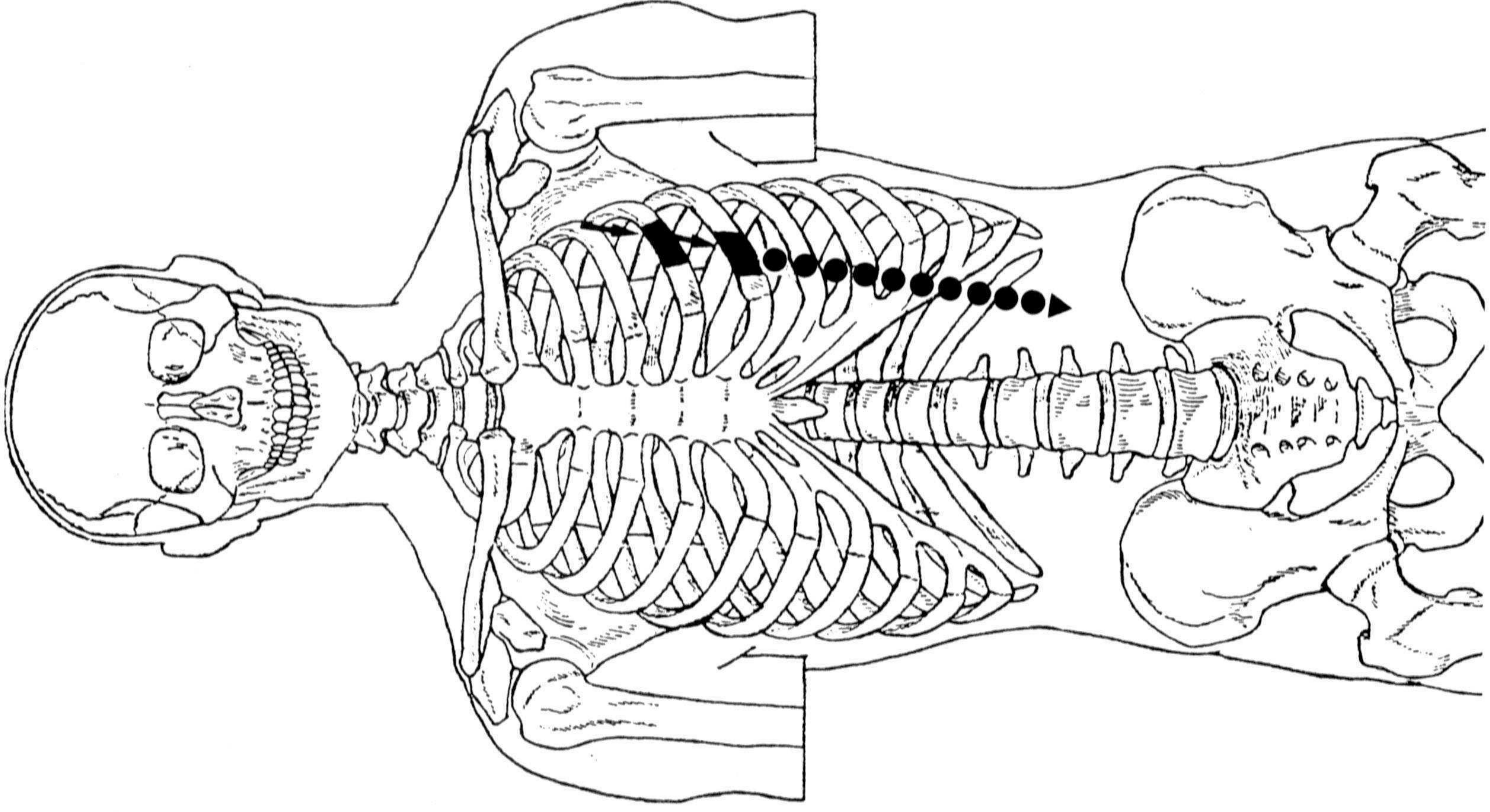


Fig. 5 - Esquema com a indicação da, possível, trajectória do projectil.